

CURITIBA

IRIS PARANAENSE.

a.l, n.l, 19 out.

1873

Box XR 3

IRIS PARANAENSE

FOLHA LITTERARIA, AGRICOLA, COMMERCIAL E NOTICIOSA.



ASSIGNATURAS.

	CAPITAL	
Por anno	8\$000	
Por semestre	5\$000	
Pagamento adiantado.		

Publica-se aos Domingos. Escritorio e typographia á rua do Aquidaban n. 20, em Curityba, onde se subscrevem annuncijs, communicados e correspondencias pelo preço que se convencionar. Os escriptos litterarios, ou de reconhecido interesse geral, serão gratuitamente publicados.

ASSIGNATURAS.

	FORA	
Por anno	10\$000	
Por semestre	6\$000	
Pagamento adiantado.		

IRIS PARANAENSE.

Curityba, 19 de Outubro de 1873.

Quando a voz da imprensa se acia quasi emmudecida na provincia de cujos prelos sahenn actualmente trez jornaes apenas, *inclusive* a folha official, quando o indifferentismo pela causa publica, parecendo attestar ausencia de vitalidade, senão falta de patriotismo entre nós, ameaça comprimir o desenvolvimento nascente desta filha do Cruzeiro, o um dever sagrado á todo o paranaense despertar do somno de negligencia, para oppor forte reacção contra esse marasmo em que vamos cahindo.

E' preciso marchar, caminhar sempre para novos horizontes, condazindo cada um sua pedra para o edificio do futuro, contribuindo todos com seu contingente para o engrandecimento da terra, que os vio nascer.

Este brado do dever retumbou entre a mocidade curitybana, e, á luz das esperanças que pyrilampejam ainda em seu seio, surge o *Iris Paranaense*, obscuro li-

dador, á pedir um logar no convivio da intelligencia.

Folha litteraria, agricola, commercial e noticiosa, definem seu programma essas palavras, que após o nome traz estampadas.

Acoroçoar o pensamento no estudo da litteratura, ao mesmo tempo que promover, na proporção de suas forças, os interesses moraes e materiaes d'esta bella provincia, incitando a industria e desenvolvendo todos os mais elementos de prosperidade; trabalhar para o progresso dos espiritos e em defesa dos direitos de todas as classes sociaes, eis mais explicitamente os fins á que elle tende.

Dentro d'essa esphera, franquea suas columnas a todos aquelles que quizerem cooperar para realisação do mesmo ideal.

Inteiramente destituida de character politico, esta folha não se envolverá nas lutas, ordinariamente estereis, em que se debatem os partidos.

Combatendo sempre em prol do interesse publico, saberá compenetrar-se da santidade de sua missão; e, collocando acima de tudo o dever e a dignidade, ja-

mais deixara de tributar profundo respeito á verdade. N'esse empenho nunca o sentimento pessoal virá intibiar sua actividade, nem desvial-a de seu fim.

Se bem que redigido por alguns jovens, que, pouco afeitos ao manejo da penna, ensaião agora os primeiros passos na carreira do jornalismo, o *Iris Paranaense* se apresenta desassombrado e cheio de confiança no futuro.

Não é a vaidade que o insufla, nem o orgulho o arrastra: o desejo que tem aquelles que o dirigem de desenvolver suas facultades e concorrer, na medida de seus recursos, para a prosperidade de seu paiz, determinou o apparecimento d'esta folha, o auxilio de luzes que não lhes nega os proveclos da imprensa e os fructos q collierão do estudo hão de exercital-os; mais tarde, as lições da experiencia, fortificando seu espirito, virão amestral-c nas lides do entendimento.

Então com passos mais segaros e impellido pelo mesmo ardor entusiasta que anima sua nobre aspiração, o *Iris Paranaense* caminhará para a consecução dos fins á que se propõe.

POLYETIM.

Chronica.

Eis-me em campo. Ardua tarefa é a minha, tanto mais quando sei que ser-me-ha difficil agradar aos leitores, não só por que me falta o chiste necessario a um chronista, como tambem porque, sendo eu um estouvado, arrisco-me a dizer alguma gracinha que vá desgostar alguém.

Estouvado! este termo não foi bem encaixado; retire-se a expressão e diga-se *irreflectido*; — esta ficará hem empregada. Não convém ainda, risque-se; este *irreflectido* tem feito muito barulho.

Diga-se antes chronista. Se houver algum desgostoso será difficil me justificar, porém as illustres e incomparaveis leitoras desculparão tudo, por que tratarei

sempre de repetir o que d'ellas se disser, embora me chamem de intrigante.

Fallarei das reuniões de rapazes onde são relacionadas as feias e as bonitas, tendo cada uma o seu titulo de accordo com a classificação. O certo é que alguns dos que se occupam d'este trabalho bem podem crear um outro rol para aquellas que com facilidade encontrarão em casa e sem duvida não forão mencionadas, por serem horriveis. As bonitas ficarão satisfeitas com os titulos que tem; mas, narrando eu certos promenores das discussões, hão de ficar bem enfadadas, sem, contudo, desconhecem a utilidade da *Cartilha*.

Procurarei sempre defendel-as, reclamarei até contra a classificação de algumas, se for creado o rol que indiquei. Em fim, heide pôr em pratos limpos todos os

episodios que se forem dando, o thema das palestras, que quasi sempre, entre rapazes, versa sobre as moças bonitas, feias, espirituosas e desenxabidas, apparecendo muitas vezes grandes injustiças á respeito.

Não consentirei n'estas; serei o defensor das minhas estimaveis leitoras.

Apresentei pouco mais ou menos o meu programma, e, antes de me retirar, quero ainda dar um dedo de prosa.

Já sei, adoraveis leitoras, que estão muito tristes pela falta de bailes e espectáculos. Tambem eu; diverte-me muito um baile, porque encontro nelle muita coisinha interessante. Ultimamente, ainda fui a um d'esses jucundos passatempos, e vi um *menino* todo na moda, de flor ao peifo, á querer persuadir que lhe fora offerecida pela rainha do baile. Ea que

macadamisação de toda sua area, sem omitir-se então a abertura dos necessarios canaes de esgotos.

Finalmente, não deve passar desapercibido o estado em que se achão, com offensa do art. 16 do Codigo de Posturas Municipaes, as calçadas das frentes de quasi a maior parte das casas que cercão o Largo da Matriz.

Muitas d'entre ellas mostrão que em toda a largura marcada pelas Posturas forão já providas de pedras; untramente pelos vestigios que estas deixar o nos buracos, que occupavão, e hoje servem para deposito das aguas.

Outras calçadas, feitas sem regularidade com pedras muito miudas e collocadas á grande distancia entre si, apresentão manifestos inconvenientes, burlando completamente o espirito do citado artigo.

E' necessario, pois, que á esse respeito se tome alguma medida em ordem á se fazer effectivo o fim que a lei teve em vista.

Concluindo estas ligeiras considerações, nas quaes quizemos traduzir o desejo de promover o bem publico, levamos a esperança de que a nossa patriótica edilidade, mais uma vez inspirando-se no sentimento do dever, se apressará em providenciar sobre as necessidades apontadas, attendendo assim nossa tão justa reclamação.

LITTERATURA

Senho.

Foi quando a noite a tremular nos céos
Astros saudosos accendia aos mil,
O vento frio sacudia as flores,
Alem cantava a viração subtil.

Os véos da noite s'est'ndi o mansos,
E os váos rumores pelo ar corri o
Era n'um campo ... no matiz da relva
Os pyrilampos a luzir se vião.

D'um lago a face reflectia as luzes,
Tremulos brilhos de celeste azul,
Por entre as moitas verdejando ao longe
Vião-se os juncos de fatal paúl.

aquella comedia medicinal que foi a scena no ultimo spectaculo, mas tanto se repelia esse nome, tão aos montões vinha que é de suppor que estivesse até no titulo.

Que bom spectaculo! no final do 3.º acto fui almoçar e voltei para apreciar o resto.

Sobre o prologo do drama que se representou ouvi do meu visinho na platéa cousas interessantes.

Disse elle que o Barão devia despedir os seus creados que erão pessimos; que puzerão na mesa a louça mais ordinaria da casa quando o Exm. Barão esperava amigos para lhe fazerem companhia; que havia na mesa o que comer, mas não aquella profusão que notou o Evaristo, (seria elle socio no guardanapo?)

Disse mais que a sala de jantar da casa

Era creança; as illusões sorrindo,
Vinhão beijar-me no florido leito,
E as harmonias d'ignotas lyras
Vibravão todas no fervente peito.

As esperanças em beirão viçosas
Formosos mimos promettião tantos!
Se a febre ás vezes m'escaldava a fronte,
Erjo auroras de delirios santos.

E tudo um sonho! as illusões chorando
Fogem do peito que as guardava ainda,
Restão espinhos dessas magas rosas
De tanta esperança que se abriu tão linda

Como nas sombras de floresta densa
Nocturnos vagão pyrilampos mil,
Assim despertão na friez do peito
Os sonhos doces da paixão febril.

Desperto aneio as illusões da noite,
Astros saudosos de celeste azul,
O vento frio da estação brumosa
Não mais descanta no fatal paúl.

S.

PAGINAS DA INFANCIA.

Uma tarde.

A' M.....

Un souvenir heureux est peut-être sur terre
Plus vrais que le bonheur! A de Musset.

Uma tarde, eu me lembro, Ella brincava,
Mimoso colibry- n'um mar de flores
Tendo na fronte redolente estema,
Nos olhos chammas e no peito amores.

As flores campesinas espargião
Um perfume tão doce qu'encantava!
E o soluço longinquo d'uma frauta
Aos idyllios das aves se cazava.

E Ella escutava enternecida
Os accordes da orchestra sonora,
Contemplando n'um lago retratada
A imagem de sua face melindrosa.

Era a Venus christã extasiada
Ante a belleza da campina em flores
Tendo na fronte redolente estema,
Nos olhos chammas e no peito amores.

não estava em relação com aquella jardim que deixou Hortensia admirada, pois que a mobilia não parecia ser de um homem tão rico; só se achavão alli as cadeiras necessarias para os convidados presentes e se viesse o Sampaio, que era esperado, teria de ficar em pé.

E com effeito, elle dizia a verdade.

Continuou a notar irregularidades até o fim do drama e eu só deixei de ouvir-o, quando estive em casa almoçando.

Dias depois tivemos um encontro, fallou-me, então, sobre a composição, disse tanta coisa que tive vontade de levar-o á casa do autor.

Podia eu agora repetir a sua opinião; mas tendo havido já uma conciliação pela imprensa entre o autor do drama e o de uma noticia dada sobre a representação apontando algumas scenas monotonas.

Brinca, sim brinca, minha et elle...
Nessas campinas que só tem...
E deixa as salas — os prazeres...
Cheios de risos que goteja prantos...

O lyrio seja teu gentil amante!
Beija-lhe o geló d'innocencia...
Depois... meu anjo, amorosa...
No meigo empyrio de teu casto seio...

L. F.

VARIEDADE

A cartilha.

O leitor pèco ou sapiente, a leitora ingenua eu esquivada, sabem todos o que é a cartilha?

Notem bem: não fallo desse livrinho de côr escura em que na infancia tomámos nossas lições rudimentaes de leitura e religião, e que tantos bolos nos fez saborear; não é desse livro que trato, mas dessa palestra critica, diurna e nocturna, em que se envolve uma pobre creatura, cortando-a, esfolando-a e até assassinando-a. Vós, por certo, não costumais, quer singular quer collectivamente, roer assim o genero humano. Não, bem o creio; e nem eu, crêde tambem. Nós somos apenas pacientes, somos umas das victimas, não é? E'. Pois bem, então podemos, entre nós, fallar franca e livremente sobre a materia; tanto mais que, como bem disse um meu illustrado e talentoso amigo—a igualdade de condições approximamos os homens—. Nós somos igualmente victimas: aproximemos-nos, demos-nos a mão.

Quando mesmo conheceis bem de perto o cartilheiro, não me dispensarei de dizer-vos algumas palavras sobre esse genero bipede, porque creio que ignoraes ainda certas qualidades que lhe são peculiares; sim, não podeis conhece-lo tanto quanto eu, que me tenho dado ao trabalho de estudal-o.

E' assim que, embora pouco versado na historia natural e muito menos n'um de seus ramos—a zoologia—, impuz-me a ardua tarefa de descrever essa especie

entendi que era obra do mesmo que me havia fallado e que sem duvida fez ver particularmente os defeitos que requerião uma amputação.

Exmas. leitoras, antes que atirem esta chronica ao chão e ditem de se ausentarem já aborrecidas de ouvir-me, vou concluir fazendo-vos um pedido.

Quer este vosso acerrimo defensor não deixeis de lêr o Iris Paranaense e não consintaes que d'elle zombem as melinguas.

Assim ficarei muito satisfeito e ainda mais se fizerdes com que não seja devolvido para contar mais essa chronica. Stop.

Adeus leitoras. Breve voltarei a metter estudar melhor o assumpto da chronica...

Nuno

de animaes, dando-lhes uma classificação methodica, já que ella escapou aos celebres zoologistas Buffon, Linneu, Cuvier e outros, talvez porque, ao tempo destes, não houvessem taes animaes, ou não fossem conhecidos ainda.

Presto, pois, um duplo serviço: á historia, augmentando a sua collecção; á vós, communicando o que tenho collido por meio de um estudo fundado na phrenologia, e nos signaes caracteristicos desses bichos, que offercem typos differentes, segundo a ordem de sua classificação. Convem que saibais distinguil-os.

O *cartilheiro*, embora bipede, pertence á classe dos reptis, ordem-ophidianos. Direis que venho com semelhante absurdo virar de pernas para o ar a zoologia, e metter intrusos na familia reptologica. Mas, perguntarei eu, como se guiavao esses celebres naturalistas na discriminação, divisão e designação dos animaes? Não assentavão elles seus estudos descriptivos na analogia que encontravão entre as especies? Pois bem, eu encontro muita analogia entre os ophidianos e o bicho—*cartilheiro*.— senão na conformação e organização, ao menos quanto aos instinctos; e creio que se erro, não ando muito longe do certo. Senão, vejamos. A serpente foi em todos os tempos considerada como o animal mais perigoso e traçoero; até hoje é ella o symbolo da mentira, da astucia, da inveja, etc.: foi sob a forma de uma serpente que o demonio tentou a primeira mulher. O *cartilheiro* é assim: mentiroso, astucioso, invejoso. Até em um dos emblemas representados pela serpente ha um ponto de afinidade com o *cartilheiro*. Sabeis que a figura emblematica da eternidade é uma serpente mordendo a cauda; e o *cartilheiro* por mal de nossos peccados é, como tereis observado, de uma longevidade extraordinaria!

Logo, o *cartilheiro* é reptil. Bem. Procede isto, passo a analysar esse individuo e a especifical-o convenientemente.

Cartilheiro, na accepção generica da palavra, é aquelle que se occupa mais da vida alheia do que da sua propria. Isto vós sabeis; mas não sabeis que elle divide-se em tres typos: o *rabequista*, o *tesoura* e o *navalha*.

O *rabequista* é quasi inoffensivo; é mais o medo e a prevenção que nos arredão delle, e isto nem sempre acontece. Quantas vezes eu e alguns de vós não temos apreciado as suas galhofas e pilherias? Falla da vida alheia, lá isso falla; mas com certos ademanos, de um modo tão insinuante, tão suave, tão engraçado.....

E deixe lá, quasi sempre elle diz verdades e não vai além dos limites prescriptos pelas conveniencias sociaes, nem sahe de sua casa para dar concertos; ao contrario, procura-o, rodeia-o muito. Não vedes? Alli..... sempre gente e gente boa que não seria capaz de participar de certas palestras demasiadamente picantes e preches de alevies, etc. Elles si concorrem ao club é porque ha n'elle mais graça que outra cousa.

A rabeça, como sabeis, é um instru-

mento que se presta a todo genero de expressões, á toda forma de execução, á toda sorte de effeitos; e tudo isto em clave de sol..... / fazei ideia.

Que variações deleitosas não sahem daquella *rabequinha!* Que concertos!

Quaes Paganini, nem Paul Julien!..... Que recolhão-se..... Força é confessar-se, entretanto, que dessas *rabecas* algumas ha bem *desafinadas*.

Os *cartilheiros* deste typo apresentam ordinariamente um ar gracioso; são amáveis, risonhos, esbeltos, de formas e estatura regulares; offercem com liberalidade cigarros á *roda*, etc. etc. E' a cobra d'agua ou *papa-pintos*, não tem veneno.

Passemos ao *tesoura*. Esse já tem seu que de virulento; se não vai ao intimo do lar domestico, se não joga peteca com a honra das familias, diz, por exemplo, que Fuão, quando camarista, encheu os bolsos; que Sicrano, como empregado publico, faz *grillos*; que o empreiteiro de tal obra colhe lucros que bradão aos cofres publicos; e outras calumnias quejandas.

Com estes já devemos, portanto, ter nossas cautelas, porque qualquer de nós pode ser camarista, empregado publico ou empreiteiro de alguma obra etc.

O *tesoura* corta só, não esfo'a como o *navalha*; mas corta e isto já dóe muito.

Reparai e vereis que este typo compõe-se de individuos geralmente narigudos, ou cabeçudos; fallão contra a maçonaria e advogão a infallibilidade do papa. Não offercem cigarros á pessoa alguma; ao contrario, são filantes, mas fazem muita barretada e cortezias etc.

E' a vibora a sua peçonha é perigosa, mas não instantaneamente mortal.

O *navalha*: (Oh! Santo Ambrosio, deste livrai-nos sempre!....) este sim, é de se tirar o chapéo. Respeitemol-o! Para o *navalha* não ha honestidade, não ha honra. Elle devassa a vida intima da gente, a sua imaginação transtornada creá, com uma fecundidade espantosa, factos horrorosos, intrigas horripilantes e bem tramadas! Ainda uma similhaça: como a serpente, é elle atrahente. A rã, o sapo deixão-se levar por uma força irresistivel á boca da serpente, cujos olhos são dous imans: tal ou qual effeito de attracção experimentamos quando por um acaso qualquer vamos dar com os costados a um grupo dos taes. Está-se enojado deser testemunha involuntaria das *cutiladas* que á torto e á direito dão na pobre humanidade; e não se tem animo de deixal-os. Qual! ningem quer ser o primeiro a retirar-se. E' que tem-se certeza de deixar alli seu nome na *bigorna*; e é o que soe acontecer. As victimas v o se succedendo na ordem de sua retirada: o ouvinte, e com especialidade aquelle que não fazia côro ás *navalhadas*, ao virar as costas, sente logo as orelhas quentes.

Felizmente, não são tão abundantes os deste typo; mas o caso é que os ha quanto bastem para flagello da humanidade.

Para esta seria uma vantagem se a phisionomia fosse um espelho que reflectisse o intimo da consciencia, a maldade animada em certos coraçoes.

Mas infelizmente — *Quem vê cara não vê coração* — e é por isso que mais perigosos se tornão os *cartilheiros* desta especie.

O *navalha* traz quasi sempre alivelada a mascara da hypocrisia; chega até affectar optimos predicados, occultand assim seus sentimentos brutaes e ignobéis, que só uma vida desregrada e habitos asquerosos, á que ordinariamente se associa, poderao revelar.

E' assim que, se porventura elle arrasa a cadeia das obrigações sociaes, fal-o sem moralidade; porque é a ella ligado apenas pelos preconceitos do mundo e calelo de interesse pessoal, n o pela idéa de cumprimento de deveres, filha de uma sã consciencia.

O *navalha* falla muito, muito, e — *quando falla, só fechando a boca é que se cala* — como dizia o espirituoso P. Brito.

Como é natural, elle é muito covarde e por isso mesmo capaz de distribuir palavrões, *anonymos*, etc. Falla de tudo, e todos e até de si proprio.

E' a cascavel ou a surucucu. Para esse só uma lei de Draco.....

S. Bento, advogado contra as cobras livrai-nos destas tambem!....

Se eu fóra ophiophago, dava cabo da raça.....

Está bem; já vos tenho amolado muita paciencia..... Mas ah! ta-me esquecendo de fallar nas *cartilheiras*..... Nada, nada; dessas não fallo. Não senti eu quem chame sobre si a odiosidade do bello sexo: prefiro deixar imperfeita minha obra.

E mesmo — basta de offercer a avidos *cartilheiros* as garatujas que minha penna mal aparada produz. Nestas poucas linhas já elles terão muito que analisar, e.....

Adeos.

Dr. Plumeria.

GAZETILHA

PHENIX—Esta sociedade, segundo consta, ha ve apresentará em scena o drama « Abnegação do celebre escriptor Ernesto Biester.

BEXIGAS—A proposito das bexigas, extrahindo o seguinte. « Um medico allemão affirmo que a variola origina-se do excesso de materia albuminosa no sangue, o que pode prevenir-se, minimizando sal commum á pessoa atacada de mal.

O habito das crianças comerem muito do diz elle, contribue consideravelmente para o desenvolvimento do albumen, e o uso do café chá muito assucar dos produz o mesmo effeito nos adultos.

Um acido organico como o sumo do limão em sua opiniao, um dos meios de combater o albumen, o que pessoalmente tem verificado ser muito vantajoso.»

Aviso.

Aquelles a quem fór dirigido o primeiro numero d'esta folha serão considerados assignantes, desde que não devolvão á typographia em prazo breve.

CURITYBA. — Typ. *Iris Paranaense*
Rua do Aquidaban n. 20.